

A leitura do texto literário e os efeitos subjetivos no leitor

The reading of the literary text and the subjective effects on the reader

La lectura del texto literario y los efectos subjetivos en el lector

La lecture du texte littéraire et les effets subjectifs sur le lecteur

WILLIAM AMORIM DE SOUSA

O artigo propõe uma articulação entre o ato de ler e a teoria psicanalítica a partir da relação do sujeito-leitor com o texto literário.

Palavras-chave: Psicanálise. Leitura. Literatura.

Introdução

Tentar articular o ato de ler com a teoria psicanalítica é um desafio que me coloco neste momento e do qual vou tentar dar conta. Não há garantias para tanto, mas, como é sabido, estamos eternamente tentando dar conta do que nos escapa. Qualquer tentativa em aproximar diferentes campos de saberes é pavimentada de impossibilidades, mas em se tratando de literatura e psicanálise, talvez

essa consideração pelo impossível pode ser um bom ponto de partida para se pensar as relações entre Literatura e Psicanálise, levando-se em conta tanto o modo como esse impossível se inscreve em cada um desses campos, como também no sentido de se pensar que há um impossível entre eles. Isso contrasta com uma tendência de se construir um terreno entre Literatura e Psicanálise, uma espécie de território híbrido, constituído por elementos e conceitos oriundos de cada lado, gerando um discurso sobre o literário recheado de noções da Psicanálise, e uma visão da psicanálise como modo de estetização da vida (MANDIL, 2005, p. 43).

No final do livro *O amor em uma aprendizagem ou o livro dos prazeres* (SOUSA, 1998, p. 136), aproximo-me timidamente da questão do gesto da leitura ou da recepção, como quiserem. Lá indico que o leitor perante o texto, diferentemente do que acredita, não decodifica, em última instância, senão a si mesmo, exercendo suas potencialidades de falante. Nesse sentido, o leitor ao invés de ser o analista/intérprete do texto é, na verdade, analisado/interpretado por ele. Mas, não seria essa uma perspectiva demasiado parcial do sujeito no campo da leitura?

Ater-me-ei aqui à experiência de leitura do texto literário, embora outros tipos de textos como, por exemplo, sociais, políticos, filosóficos, científicos, não sejam despossuídos de subjetividade e de elementos que provoquem no leitor um efeito parecido a uma experiência de análise. Contudo, é o texto literário com seus vazios, suas brechas, seus silêncios e sua escancarada incompletude que convoca o leitor a operar-lhe sentidos, a preenchê-lo. É que o texto literário, diferentemente dos outros tipos de texto, não sabe coisas, mas sabe algo das coisas, isto é, sabe muito sobre o humano.

Não é sem razão que Freud dizia que o escritor chegava voando, aonde o analista não chegava senão mancando. Lacan, por sua vez, assinalava que é impossível fazer psicologia lá onde a literatura chegou antes. É que tanto um como outro foram, antes de analistas, exímios leitores, como bem atestam suas obras. Certamente intuía que os textos literários assim como os divãs psicanalíticos são lugares onde “o homem se encena e se deixa sempre habitar mais ou menos consciente, por sua cisão, na linguagem, no discurso que o percorre” (CASTELLO BRANCO, 1995, p. 21).

Ao desejarem o primitivo da linguagem, os escritores, em particular os poetas, promovem em suas obras uma supremacia da evocação sobre a informação. Afinal, como diz Freud, em seu *O Moisés de Michelangelo*, o artista “visa é despertar em nós a mesma atitude emocional, a mesma constelação mental que nele produziu o ímpeto de criar [...] isso não pode ser simplesmente uma questão de compreensão intelectual.” (1914, p. 217). Nesse sentido, em se tratando da obra de arte, o campo do *conceptus* perde a sua habitual supremacia para o efeito agenciado pelas fantasias do sujeito. É que a relação autor-leitor-texto por movimentar afetos, convocar o fantasiar e autorizar a livre-associação do sujeito/leitor pode produzir deslocamentos subjetivos.

O sujeito/leitor e o texto

O grande educador brasileiro, Paulo Freire, em seu clássico *A importância do ato de ler* (1989), asseverou que a “leitura do mundo precede a leitura da palavra” (FREIRE, 1989). Essa anterioridade necessária apontada pelo autor para que um leitor possa advir como cidadão capaz de, a partir da leitura da realidade, construir um saber passível de transformar a si mesmo e a seu entorno.

Se as palavras são geradoras de outras palavras a partir de seus sentidos é porque toda palavra é em si palavra-mundo. É nesse sentido que Paulo Freire nos aponta lindamente que a palavra-mundo, ao ser lida, promove uma integração do que era o mundo externo com o que é o mundo de dentro.

Desde Freud aprendemos que o sujeito só pode advir como efeito da imersão do filho do homem no mar da linguagem. Então para acedermos à condição de sujeito, dependemos de um modo bastante particular de leitura, a saber, a de um Outro prestativo que, nesse ato, vai nos vestindo com suas palavras, seus significantes que possibilitam a formação do Eu, instância psíquica que ao diferenciar-se do mundo pode estabelecer

laços com ele. Sem a intermediação da leitura executada pelo Eu, a relação do homem consigo mesmo, com o mundo e com o outro ficaria comprometida.

Resumidamente falando

“na teoria freudiana o sujeito se constitui a partir de leituras, transcrições e traduções de registros de sensações, é preciso ainda esclarecer que essa constituição é uma dinâmica permanente, que esses processos não abarcam apenas o momento inicial da constituição, mas, ao contrário, são a própria forma de o sujeito estar no mundo, com seus equívocos, tropeços, mas também com os seus eventuais laços e possibilidades de produção de sentido.” (RODRIGUES DE MIRANDA, 2013, p. 118).

A psicanálise, como vimos, parece nos indicar da imprescindibilidade das leituras para enlaçamento do sujeito com o mundo. Mas não existe um método psicanalítico de leitura do texto literário pela simples razão de que a psicanálise é aplicada apenas a seu próprio campo, a clínica psicanalítica, e a obra literária não é um sujeito que fala e escuta. O que realmente importa na concepção psicanalítica de leitura – quer das formações do inconsciente, quer do texto literário – é a preservação do Real sem tentativas vãs de obturá-lo com um sentido pleno. Afinal,

“O saber todo não é possível, nem almejado, nem no texto nem no sujeito, pois isso teria o efeito de cristalizá-los, matá-los como causas em potencial da nova escrita e da nova leitura. Seria preciso que se deixasse respirar, tanto texto quanto sujeito, através da frincha do impossível de ser dito. Que se preservasse o espaço da ilegibilidade, já que ele é inabalável pelo próprio fato de que a linguagem não é capaz de ler todo o mundo, todo o sujeito, todo o texto.” (RODRIGUES DE MIRANDA, 2013, p. 120)

Se não há um método psicanalítico da obra literária, também não existe um conceito rigoroso e preciso de leitura. Ela não se deixa capturar senão pela descrição de suas distintas práticas: como uma técnica, um ato voluntário, modo de aquisição de saber, uma prática social, um método etc. Isso, é claro, possibilita que a delineemos, mas não dá conta de algo fundamental na experiência do ato de ler, a saber, a relação do sujeito com o texto a partir de modelos históricos de leitura, que está num mais-além da sua indiscutível dimensão social. Com isso, queremos dizer que todas as dimensões da leitura quer ética, social ou política, têm como fundamento o desejo do leitor, uma vez que o que

está em jogo aí é a subjetividade deste e não apenas um entendimento ou compreensão do texto. Negligenciar esse aspecto da experiência da leitura é reduzi-la a uma concepção meramente iluminista.

A leitura desestabiliza o leitor, provoca-o, abala seus sistemas referenciais. Isso se dá quando, dessa provocação, o desejo do leitor desliza ante um fragmento do texto, possibilitando-lhe alguma intuição e algum conhecimento sobre si mesmo que lhe eram até então estranhos, antes da experiência da leitura. Relatando uma de suas primeiras experiências de leitura, Clarice Lispector (1991, p. 533) postula:

A história do patinho que era feio no meio dos outros bonitos, mas quando cresceu revelou o mistério; ele não era pato e sim um belo cisne. Essa história me fez meditar muito, e identifiquei-me com o sofrimento do patinho feio – quem sabe se eu era um cisne?

Não seria exatamente isso que impede que os livros não nos passem em branco? Não será por essa razão que os livros são muitos mais que um amontoado de sinais gráficos, letra morta? O que anunciamos quando aludimos aos nossos livros de cabeceira ou ao livro de nossa vida? (Clarice Lispector diria o livro de cada uma das minhas vidas).

Parece que não cessamos de indicar que quando um texto nos faz eco, provocando e revelando-nos algo do nosso ser ou do nosso desejo, já não somos os mesmos de outrora. O texto literário convoca, pela leitura, o inconsciente do leitor e o saber aí em jogo, como na análise, é um saber do qual não se sabe que sabe, mas que pode ir se construindo nas tentativas de leitura, de traduções sempre incompletas. Um outro relato da leitora Clarice (1991, p. 722):

[...] aos 15 anos, com o primeiro dinheiro ganho por trabalho meu, entrei [...] numa livraria, que me pareceu o mundo onde eu gostaria de morar. Folhee quase todos os livros dos balcões, lia algumas linhas e passava para outro. E de repente, um dos livros que abri continha frases tão diferentes que fiquei lendo, presa ali mesmo. Emocionada, eu pensava, mas esse livro sou eu!.

Para Freud, a matéria-prima da criação literária seria a experiência imaginária do fantasma, isto é, situa “[...] o texto como sendo uma fonte de revelação para o sujeito pela atualização que promove de seus fantasmas” (BIRMAN, 1996, p. 56). Contudo, a criação não se dá somente por parte do escritor, o leitor trai essa condição, rouba a cena

e, através de uma espécie de impostura, produz no texto, um sentido outro, antes inexistente, ultrapassando a muralha das significações instituídas. É que o sentido não é uma evidência do texto, não é um a priori, é uma produção ou construção do leitor, lembre-se aqui de que construção, enquanto conceito freudiano, remete para uma implicação ativa do sujeito na sua produção ou reordenação de sentido. Aliás, o texto só se realiza de fato com a presença do leitor. O poeta Octávio Paz diz que todo texto convoca um leitor. Em nossa Clarice Lispector essa convocação é bastante explícita “Você que me lê que me ajude a nascer” (LISPECTOR, 1998, p. 33).

Resumindo o que disse até aqui sobre a recepção ou relação do sujeito com o texto, diria que o sujeito na experiência da leitura ocupa duas posições opostas, mas complementares, a saber, a de interpretado ou analisante e a de interpretante ou analista, denunciando, desse modo, as dimensões de desconstrução e construção no ato da leitura.

Tempos lógicos da leitura

Mas o que podem mesmo significar essas dimensões? Como entendê-las melhor? Elas têm a ver com o que Barthes e Compagnon chamavam de operações fundamentais da leitura: reconhecimento e compreensão (BIRMAN, 1996). Diria que estas operações são o modo de o leitor se presentificar no texto.

Reconhecimento é o momento no qual o leitor é surpreendido e desestabilizado pelo impacto da leitura. É o instante de desconstrução do leitor pelo texto, quando ele é tomado pelo texto, por um sentido advindo da escritura. Surpreendido pelo texto, o leitor sofre uma descontinuidade na leitura e, com ela, experiencia uma suspensão do cotidiano, um corte na cronologia. Pela dimensão imaginária, o leitor esquece-se [...] de que transita num universo verbal, entra no espelho do texto e aí se reencontra [...] o que se encena no texto não são só as personagens, mas o próprio leitor, que se torna personagem quando entra na instância ficcional (CASTELLO BRANCO, 1995, p. 26).

Do ponto de vista dos teóricos, é o leitor que surpreende o texto, reconhecendo ou recortando-lhe algo. Mas, como articulo do lugar da psicanálise, tenho que considerar, é claro, o ponto de vista do desejo, do sujeito do inconsciente. Assim, dá-se uma virada: o texto é que surpreende o leitor, é que promove seu reconhecimento ou, como diríamos em psicanálise, promove-lhe uma retificação subjetiva. O efeito da leitura seria, desse modo, uma certa desconstrução do eu (lugar da alienação) para que o sujeito possa advir. No reconhecimento, o leitor movimenta-se na posição de interpretado/analísante, uma

vez que aqui a escritura “funciona no lugar do analista, pois é o texto como fragmento que desconcerta os sistemas de referência do leitor e releva os caminhos de seu desejo” (BIRMAN, 1996, p. 26).

A compreensão, por sua vez, é a operação de leitura que vai possibilitar ao leitor sair de seu estado de suspensão e “costurar o sentido impactante e irruptivo no campo simbólico do sujeito, bem como restabelecer a continuidade da leitura do texto. Com isso, o leitor compõe um discurso a partir das indicações fragmentárias fornecidas pela escritura” (BIRMAN, 1996, p. 58).

A compreensão tem a ver com aquilo que se falou acima sobre construção em psicanálise. Aqui o leitor, ao colocar-se numa posição dialogante com o texto, assume a condição de produtor de sentido, num ato simultâneo onde o sujeito se inscreve e escreve. Reescreve seu próprio texto no texto do outro. O leitor está na condição de interpretante/analista, sai do espelho do texto, distancia-se para produzir seu próprio texto. Nesse sentido, pode-se dizer que “todo leitor fez de sua leitura escritura, sua passagem pelo texto nunca é totalmente passiva e, de alguma forma, ele participa da autoria e da propriedade de uma obra, quando a lê” (CASTELLO BRANCO, 1995, p. 30).

É exatamente por esses dois pólos ou tempos lógicos da leitura que o leitor vai oscilar entre a descodificação/desconstrução do sentido instituído e a reescritura/reconstrução ativa de novos sentidos. Nesse movimento, que fere a homogeneização semântica, o leitor exercita a função crítica da leitura sustentado pelo seu desejo. Sobre isso, Birman (1996, p. 61) vai dizer lindamente que

A função crítica da leitura é correlata a de um receptor que seja poroso, num momento originário, às seduções oferecidas pelo texto, para que possa se apropriar disso, num momento posterior, como um intérprete. Com isso, o receptor pode promover novas inscrições sobre o real do mundo e na cena social, pois, como intérprete dos textos que se apresentam, transforma-se em produtor de novos sentidos.

Se pela dimensão desejante somos afetados pela leitura, então não lemos apenas com o auxílio da razão e do entendimento. Em *Água viva*, de Clarice Lispector (1980, p.21), a personagem-narradora diz: “Encarno-me nas frases voluptuosas e ininteligíveis que se enovelam para além das palavras”. Lemos com o corpo todo, nosso corpo linguageiro, corpo erógeno, pulsional. A relação do corpo com a linguagem se dá pela mediação exercida pela sensorialidade das palavras. Recorde-se o que dissera, no início,

sobre o texto literário ser, por excelência, um texto de evocação. Essa dimensão evocativa supõe corporeidade e desejo. Em sua materialidade significativa, o texto se faz carne e corpo erótico. A escritura é a prova de que o texto deseja o leitor. Numa perspectiva barthesiana, diria que a escritura é o Kamasutra da linguagem.

Mas, voltando ao outro lado da escritura, a leitura, lembre-se de que Lacan acrescenta a voz e o olhar na lista de *objeto a*, causa de desejo. Freud em seus comentários sobre leitura indica a relação entre escrita, fala e corporeidade, uma vez que a representação de palavras, *vorstellungsrepräsentanz*, aponta primeiramente para os registros da fala e da voz. Desse modo, o que nos permitiria o acesso à escrita e ao sentido seriam esses registros porque nos remetem para o campo do sujeito do inconsciente e do desejo, via sensorialidade e corporeidade da fala.

Segundo Birman (1996, p. 63), os registros da voz e da escuta

Constituem-se como os canais sensoriais privilegiados para a produção e a circulação do sentido. Isso porque mediante estes percursos sensoriais não apenas a escritura se encorpa e se encorporiza, como também o texto ressoa como timbre e harmonia no corpo do leitor. A relação do sujeito com a escritura se aproxima assim da experiência musical.

É impossível não lembrar aqui novamente da personagem-narradora de *Água viva*: “Escrevo-te toda inteira e sinto um sabor em ser e o sabor-a-ti é abstrato como o instante [...] ouve então com teu corpo inteiro [...]” (LISPECTOR, 1980, p. 10).

Ler com o corpo todo ou para não concluir

Não é sem razão que escritores como Flaubert e Gide tinham obsessão pela ressonância acústica de seus escritos. Acreditavam que o sentido da linguagem se daria pelo impacto do texto sobre o corpo. A ressonância do sentido adviria da afecção da palavra no corpo. É como se dissessem de algum modo:

E se tenho aqui que usar-te palavras, elas têm que fazer um sentido quase que só corpóreo, estou em luta com a vibração última. Para te dizer o meu substrato faço uma frase de palavras feitas apenas dos instantes já. Lê então o meu invento de pura vibração sem significado senão o de cada esfuziante sílaba [...]” (LISPECTOR, 1980, p. 11).

Flaubert, lendo em voz alta para si mesmo, avalia a qualidade da sua produção escrita tendo como medida a ressonância mental e corpórea de suas palavras. Gide costumava ler o que escrevia para os amigos. Seu critério de qualidade também era medido pela ressonância auditiva (BIRMAN, 1996).

Não seria ler/escrever com o corpo todo uma tentativa desesperada de enviar uma seta capaz de se fincar no ponto terno e nevrálgico da palavra e aos instantes tirar-lhe o sumo da fruta? (LISPECTOR, 1980, p. 12).

Não seria o ler com o corpo todo um modo de escapar à ordem do *conceptus* e entregar-se às idílicas traições da ordem do *perceptus*? Não seria o ato de apreender o texto literário exatamente aquilo que faz cessar a sua leitura?

Talvez ler com o corpo todo seja o modo distraído e possível de morder a escritura, incorporar as entrelinhas enoveladas no mais-além das palavras. Quem sabe assim possamos dizer do *ler* o mesmo que Clarice Lispector (1980, p. 21) diz do *escrever*: que

é o modo de quem tem a palavra como isca: a palavra pescando o que não é palavra. Quando essa não-palavra – a entrelinha – morde a isca, alguma coisa se escreveu. Uma vez que se pescou a entrelinha, poder-se-ia com alívio jogar a palavra fora. Mas aí cessa a analogia: a não-palavra, ao morder a isca, incorporou-a.

Por fim, diríamos então que

Ler o texto literário do ponto de vista da psicanálise é, portanto, reivindicar uma parcela de autoria, mas uma reivindicação que, não é preciso temer, não tira nada do texto. A perda se dá, ao contrário, do lado do leitor, que deixa cair algo de si a cada vez que, em torno do Real, tenta reler-se. Voltando a Freud (1997a), qualquer tradução seria sempre inexata e incompleta. O furo se mostra, se escreve. Tratar-se-ia, na leitura, de uma elaboração em torno da perda. (RODRIGUES DE MIRANDA, 2013, p. 121).

Referências

BRANCO, Lúcia Castello et al. **Literaterras**: as bordas do corpo literário. São Paulo: Annablume, 1995.

- BIRMAN, Joel. **Por uma estilística da existência**. São Paulo: Editora 34, 1996.
- FREUD, S. **Construções em análise** (1937). v. XXIII. Rio de Janeiro: Imago, 1975.
- FINK, Bruce. **O sujeito lacaniano: entre a linguagem e o gozo**. Rio de Janeiro: Editora, 1998.
- LISPECTOR, Clarice. **A descoberta do mundo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1991.
- LISPECTOR, Clarice. **Água viva**. 10. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- RODRIGUES DE MIRANDA, Ana Augusta Wanderley. **O ato de leitura no encontro entre literatura e psicanálise**. Revista Contexto. UFES, 2013.
- SOUSA, William Amorim de. **O amor em uma aprendizagem ou o livro dos prazeres: uma abordagem psicanalítica**. São Luís: SECMA, 1998.

ABSTRACT

The article proposes an articulation between the act of reading and psychoanalytic theory based on the subject-reader's relationship with the literary text.

Keywords: Psychoanalysis. Reading. Literature.

RESUMEN

El artículo propone una articulación entre el acto de leer y la teoría psicoanalítica a partir de la relación del sujeto-lector con el texto literario.

Palabras clave: Psicoanálisis. Lectura. Literatura.

RÉSUMÉ

L'article propose une articulation entre l'acte de lecture et la théorie psychanalytique fondée sur le rapport du sujet-lecteur au texte littéraire.

Mots clés: Psychanalyse. Lecture. Littérature.

WILLIAM AMORIM DE SOUSA

Psicanalista.

Escritor.

Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão – IFMA.

Diretor do Corpo Freudiano Escola de Psicanálise – Seção São Luís.

Mestre em Letras pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE.

Participante do Grupo de Pesquisa GPLINCE.

william-amorim@uol.com.br

Citação:

SOUSA, William Amorim de. A leitura do texto literário e os efeitos subjetivos no leitor. **Psicanálise & Barroco em Revista**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 2, dez. 2022.

Submetido: 13.07.2022 / Aceito: 04.12.2022

COPYRIGHT

Este é um artigo de livre acesso, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio para propósitos não-comerciais, desde que o autor e a fonte sejam citados / This is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium for non-commercial purposes provided the original authors and sources are credited.

